



Londrina PR, de 24 a 27 de maio de 2022.

**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO
SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL
Eixo: Fundamentos do Serviço Social**

Reflexões metodológicas: a produção do conhecimento do Serviço Social em questão

Ingridy Lammonikelly da Silva Lima ¹
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida²

Resumo: O presente trabalho é fruto dos estudos iniciados em pesquisa bibliográfica sobre a Produção do Conhecimento do Serviço Social brasileiro. Apresentamos dados parciais referente a questão do metodológica no Serviço Social, a partir do debate sobre o Pluralismo e Ecletismo. Dialogamos sobre a apropriação metodológica da teoria social marxista no Serviço Social renovado, problematizando os elementos de ruptura e continuidade com o cariz conservador no interior da profissão. Como resultados parciais, apresentamos os elementos históricos de sustentação do viés marxista no Serviço Social, bem como os desafios para a manutenção da direção social, deferida nos marcos do processo de renovação.

Palavras chaves: Serviço Social. Método. Pluralismo. Ecletismo.

ABSTRACT: The present work is the result of studies initiated in bibliographic research on the Production of Knowledge in Brazilian Social Work. We present partial data regarding the issue of method in Social Work, based on the debate on Pluralism and Eclecticism. We discussed the methodological appropriation of Marxist social theory in the renewed Social Work, questioning the elements of rupture and continuity with the conservative nature within the profession. As partial results, we present the historical elements supporting the Marxist bias in Brazilian Social Work, as well as the challenges for maintaining the social and strategic direction deferred in the framework of the Brazilian Social Work renewal process.

KEYWORDS: Social Work. Method. Pluralism. Eclecticism.

Introdução

1 Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Mestra em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Bolsista CAPES. E-mail: ingridylima17@gmail.com

2 Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba, doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-doutorado pela PUC/SP. É professora na categoria Titular do Departamento de Serviço Social em nível de Graduação e da Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: blfalmeida@uol.com.br

A partir do processo de renovação do Serviço Social brasileiro a escolha metodológica tornou-se uma preocupação latente. O método passou a significar não apenas a forma como a profissão faz pesquisa, mas também o caminho, o aporte teórico e político que subsidia a compreensão de mundo dos/as profissionais do Serviço Social.

Historicamente, diversos caminhos de análises estiveram presentes no Serviço Social. Desde o lapso de institucionalização da profissão há uma necessidade teórico-metodológica de pensar a forma de ser e de se reproduzir enquanto profissão. Nessa caminhada, o Serviço Social utilizou como aporte teórico o positivismo/funcionalismo, a fenomenologia, o estruturalismo, até alcançar o amadurecimento crítico que significou na atual direção estratégica pela via do marxismo.

Nem sempre de forma consensual e organizada politicamente houve a escolha por uma direção metodológica e estratégica. A profissão já optou por caminhos orientados pela gênese profissional ligada as raízes confeccionais da igreja católica e da função que a profissão passa a ocupar com a institucionalização perante a função dada pelo Estado.

Apenas com o lapso do processo de renovação da profissão no Brasil, germinando em um cenário de efervescência política, institui-se, coletivamente, uma nova direção social, ancorada metodologicamente na tradição marxista.

Sem dúvidas, a guinada tomada pelo Serviço Social no processo de renovação e assegurada até os dias atuais, não ocorreu sem atravessar caminhos tortuosos de rupturas e continuidades. A escolha do método não foi e nem deve ser uma abstração, é preciso que os/as sujeitos possam materializá-la na realidade contraditória, inflexionada pela lógica da sociedade capitalista.

Dessa forma, problematizar questões referente ao viés metodológico do Serviço Social é pertinente, para compreendemos os desafios postos a categoria profissional na contemporaneidade, buscando contribuir com o debate que deve ser articulado pela relação indissociável entre teoria e prática.

Com o objetivo de discutir as questões metodológicas referente a apropriação do Serviço Social pelo método do materialismo histórico dialético, apresentamos reflexões que são frutos de pesquisa realizada durante o mestrado em Serviço Social, com o tema mais amplo da produção do conhecimento. Na ocasião da pesquisa foram investigadas vinte e duas (22) dissertações, utilizando como recorte analítico a temática sobre Trabalho. Os dados apresentados nesse estudo, debruçou-se sobre questões relativas ao Pluralismo e o Eclétismo no interior da produção do conhecimento do Serviço Social e a utilização ou não do método nas obras analisadas.

Ancorado no materialismo histórico dialético, o presente estudo, que apresenta parte dos dados da pesquisa intitulada “A Categoria Trabalho na Produção do Conhecimento do

Serviço Social a partir do legado da Modernidade e as inflexões do Pós-Moderno”, está organizado em dois tópicos centrais que realizam um caminho reflexivo para o entendimento dos avanços alcançados pelo Serviço Social e os desafios a serem enfrentados.

1- DESENVOLVIMENTO

1.1- Análises metodológicas da pesquisa no Serviço Social: o debate sobre pluralismo e ecletismo

A natureza endógena do Serviço Social e a posição que a profissão passou a ocupar historicamente na sociedade capitalista instituiu o convívio de variadas teorias em seu interior, direcionando os aspectos políticos e práticos.

O Positivismo, o Existencialismo, a Fenomenologia já foram correntes centrais na direção teórica e metodológica do Serviço Social. Atualmente, com a organização política, herdeira do movimento de reconceituação latino-americana e de renovação do Serviço Social brasileiro, que instituiu o Projeto Ético Político profissional crítico, o referencial teórico-metodológico do Serviço Social brasileiro passa a ter materialidade por meio da Teoria Social Crítica Marxista.

No entanto, a intencionalidade por uma direção social estratégica não indica a inexistência das demais correntes filosóficas no interior da profissão. As formulações teóricas são próprias do arcabouço histórico formador das profissões, ou seja, tem a ver com os elementos constitutivos da emergência como profissão na sociedade, da função que ocupa nas relações sociais, bem como do amadurecimento político e organizativo dos/as profissionais, são resultados de questões endógenas e exógenas.

Além disso, a escolha por um referencial teórico não pode estar submetida ao dogmatismo, mas ao objetivo que se busca alcançar, com base na compreensão de mundo.

O movimento que leva o Serviço Social brasileiro optar pela Teoria Social Crítica Marxista, na contemporaneidade, é fruto do amadurecimento político da profissão, que mediante os tensionsamentos do contexto histórico, reconheceu a função social do seu fazer profissional, como pertencente a lógica produtiva e reprodutiva do capitalismo. Ao se reconhecer imerso nessa dinâmica societária, optou-se, coletivamente, por um conhecimento metodológico capaz de subsidiar na instrumentalização da prática profissional a favor do projeto da classe trabalhadora.

Com base nessa compreensão, o arcabouço jurídico e político do Serviço Social passou a expressar a vertente marxista. Está presente nos princípios formativos do Código de Ética, na Lei que regulamenta a profissão, nas Diretrizes Curriculares, bem como pensamento formativo das instâncias organizativas, Conselhos Regionais de Serviço Social,

Conselho Federal de Serviço Social, Executiva Nacional de Estudantes em Serviço Social e Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social.

Destarte, a direção social estratégica pela via da tradição marxista não significa a unificação das escolhas metodológicas no interior da profissão. No Código de Ética profissional há elementos importantes para discutimos sobre o pluralismo, ou seja, a existência e a convivência de interpretações de mundo diversas. Além disso, é fantasioso afirmar que a alocação da tradição marxista como direção, signifique a extinção das formulações presentes historicamente na profissão, as quais, inclusive, nortearam a atuação profissão de forma conservadora.

O debate travado pelo Serviço Social em torno da convivência de métodos e percepções de mundo diversas ocorre por meio do Pluralismo. Há uma defesa no interior da profissão para as relações democráticas do pensamento, própria da construção social e política pela qual o Serviço Social se firma como profissão na contemporaneidade. No entanto, é de suma importância compreender o que de fato a profissão está pautando como o debate plural, uma vez que usa-se desse discurso para permear ideias e concepções de conhecimento que não são plurais, mas sim, ecléticas.

Segundo Coutinho (1991) há duas dimensões para o Pluralismo, o que possui caráter social e político, e aquele vinculado à Produção do Conhecimento, vinculado aos aspectos metodológicos. Evidentemente, são dimensões que se relacionam e se expressam uma na outra, mesmo ocupando espaços diversos.

Enquanto fenômeno social e político sua origem advém do mundo moderno, ou seja, das relações sociais desenvolvidas a partir da sociedade capitalista. Para Coutinho (1991) a ideia de pluralismo está ligada as questões da valorização positiva dos conflitos de ideias, de diferenças, de pluralidades.

Para o autor, o próprio liberalismo enaltecia a pluralidade de ideias, o “direito”, baseado em uma democracia-liberal. O pluralismo seria capaz de apresentar as diferenças por meio de uma competição positiva, além de trabalhar a tolerância entre opiniões divergentes, a ideia da necessária divisão de poderes e o direito das minorias.

No entanto, o pluralismo político e social em sua abstração, quando absorvido para a utilização de projetos societários de contestação da ordem burguesa, deve ser racionalizado de forma coletiva. Esse é o maior desafio, suprimir as pluralidades individuais do campo social e político e criar uma síntese entre a diferença, que possam expressar um projeto coletivo.

Já o pluralismo ligado a teoria do conhecimento, é algo complexificado, pois há uma divisão entre os elementos científicos e os elementos valorativos:

Goethe dizia o seguinte: as ideias não podem ser liberais, o que pode e deve ser liberal é o modo de as ideias conviverem entre si. Com isso, Goethe formula um princípio que me parece ser a base de toda ciência. Esse princípio soa assim: para cada questão, a ciência tem apenas uma resposta verdadeira. Dois mais dois, em matemática, são quatro. Pode até na vida ser cinco; há uma música do Caetano Veloso, que diz assim “tudo certo como dois mais dois são cinco” Podemos na vida especular com essa ideia; mas na prática matemática, dois e dois são sempre quatro. Feliz ou infelizmente, é assim. (COUTINHO, 1991, p.9).

Para o conhecimento científico não há possibilidade de respostas divergentes para o desvelamento da realidade. Sempre haverá uma única resposta, embora exista várias interpretações, que reivindicam o caráter científico e passam a disputar no âmbito da construção dos valores. Coutinho (1991) cita, como exemplo, a existência de Deus, que embora não seja comprovada cientificamente, passa a ter expressividade social, pela construção coletiva dos valores religiosos, ou seja, existe no imaginário e na fé das pessoas, mas para a ciência não tem concretude.

Contribuindo com o debate Tonet (2007) discuti o pluralismo metodológico. Para ele, o pluralismo metodológico ganhou força com a crise das Ciências Sociais. A defesa pela convivência plena das ideias envolve a “[...] problemática do conhecimento fundada na perspectiva da subjetividade e uma outra fundada na objetividade, de caráter histórico-ontológico”. (TONET, 2007, p. 01).

Para Tonet (2004) trata-se de uma questão que envolve a construção do conhecimento a partir da análise do objetivo (perspectiva ontológica) ou a análise por meio do sujeito (perspectiva gnosiológica). Isto é: dá-se ênfase na subjetividade ao invés da objetividade, esquecendo de realizar a relação que advém do Trabalho para a construção do Ser Social.

O Pluralismo metodológico é apontado, na visão do autor, como uma saída para a solução da crise das ciências sociais, resolveria, assim, a problemática em torno das teses que tratam do dogmatismo do marxismo – por permitir a abertura de outros métodos – bem como os argumentos de que não haveria mais sustentação teórica para o método em Marx, diante das atuais configurações da sociedade na contemporaneidade.

No entanto, essa saída seria, na verdade, uma armadilha típica das necessidades impostas ao conhecimento pelos ditames do capitalismo. O autor desconsidera a existência de verdades sobre o objeto que está posto na realidade, pois considerar que assim o seja é tratar a análise do real sobre a perspectiva do sujeito, da subjetividade.

O debate sobre o pluralismo, sem as devidas mediações, dá abertura para as mais diversas concepções metodológicas em um contexto social e político de fragmentação da realidade. É como se tudo coubesse dentro da análise, sem haver uma direção que de fato possa sistematizar aproximações com a realidade.

Claramente, Coutinho (1991) esclarece que o Pluralismo seria a abertura ao diferente, necessário para a construção do conhecimento e desvelamento da realidade, a partir de dimensões contrárias capazes de aflorar o debate. E é bem verdade, mas até que ponto, diante do agudizamento das expressões não racionais do capitalismo contemporâneo, o ecletismo não está transvestido como pluralismo para salvaguardar o repúdio a direção crítica, camuflando a disputa entre projetos societários?.

De certo, o pluralismo defendido na direção social e estratégica da profissão, pela via do projeto crítico, não deve ser confundido com as práticas ecléticas. No entanto, não podemos desconsiderar a utilização dessa narrativa para justificar a “pluralidade” nas escolhas teóricas, sobre o argumento levantado por Tonet (2007), referente a questão argumentativa da crise das ciências sociais, de que o método em Marx não daria mais conta de compreender a realidade contemporânea.

Nesse sentido, Netto (2011) esclarece que o ecletismo encontra-se na medula óssea do Serviço Social. Faz parte da construção histórica da profissão, ligada aos substratos conservadores, que a direcionam hegemonicamente e que passam a conviver harmonicamente nas diversas fases da história do Serviço Social brasileiro.

É cabível e necessário a formulação de pensamentos contrários para que haja o enriquecimento do debate e a apreensão das representações da realidade, mas é repudiável o retalho metodológico utilizado para a compreensão das problemáticas sociais, as quais são colocadas no movimento do real. Uma coisa é a defesa pelo confronto de ideias, a garantia e o respeito pela diversificação das correntes filosóficas existentes na profissão, outra coisa é a mistura de métodos divergentes que diante de um mesmo objeto utilizam Marx, Habermas, Dejours, Foucault, dentre outros, sem fazer as devidas mediações entre as escolas do conhecimento.

Diante da própria natureza do Serviço Social, pelo sistema de saber que é vinculado e pela função social que ocupa nesta sociedade, o ecletismo é presente em suas formulações, de modo que, atualmente, o pluralismo metodológico tem justificado a escolha contrária ao marxismo e/ou a sua fusão indiscriminada, ficando secundária a direção política e metodológica, da qual o Serviço Social tem construído coletivamente.

É preciso esclarecer que não se trata de defender o marxismo como um dogma, mas de atentar para a defesa da compreensão do pensamento social, em sua diversidade de pensadores e escolas do conhecimento, que possui importância teórica em diversos espaços, mas que quando usadas de forma indiscriminadas, podem resultar no embaralhamento da realidade.

Para o Serviço Social, o caminho do ecletismo leva a não materialização do Projeto Ético Político profissional, de modo a não contribuir com o aprimoramento da realidade contraditória posta pela sistema capitalista.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 A apropriação metodológica do Serviço Social renovado: avanços e desafios

Como disposto na introdução deste estudo, com base nas inalações discorridas anteriormente, busca-se compreender como o Serviço Social vem produzindo conhecimento, com base na interpretação da sociedade contemporânea sobre a luz ou não da tradição marxista.

Na análise das 22 dissertações, vinculada a treze programas de Serviço Social, com temas vinculados ao Trabalho, foi possível observar que o caráter metodológico pressupõe a forma de fazer pesquisa, desde do tipo e a abordagem da pesquisa até o método, constitui-se como o caminho para se chegar ao objeto. O objeto extraído da realidade é levado ao nível da consciência para em seguida retornar à realidade enquanto concreto pensando. A investigação não basta explicar o objeto, mas construir mediações capazes de proporcionar a transformação da realidade.

Para se aproximar da realidade é necessário traçar um caminho. A metodologia é a forma como se dará o caminho, o método, por sua vez, é o direcionamento do caminho. Sabemos que o método em Marx se difere das concepções tradicionais e pragmáticas formuladas pelas teorias do conhecimento. Ao contrário disto, Marx deixou uma forma de compreender as relações sociais estabelecidas entre os homens e a natureza, sob o julgo da sociedade capitalista.

Ao Serviço Social, pelo legado instituindo no processo de renovação, resta à dura tarefa de desvelar a realidade por meio da direção do materialismo histórico dialético. Trato como uma dura tarefa devido à própria natureza da profissão, a qual se coloca, historicamente, no enfrentamento da “questão social”, em uma contradição própria que é a de manter a atuação prático-metodológica em consonância com o método em Marx, mesmo estando inserida no processo de trabalho.

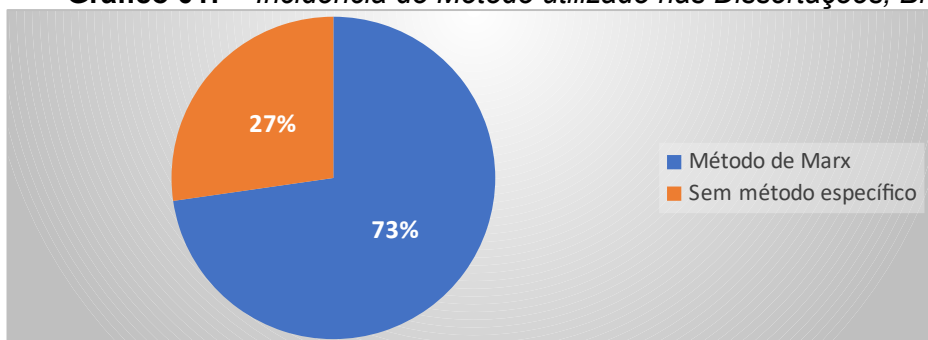
Para Sposati (2007) a forma como o Serviço Social apropria-se da pesquisa e do método em Marx, faz como que a profissão cai em duas armadilhas centrais: 1º O predomínio da centralidade do método, deixando a metodologia como secundária e, 2º a forma banalizada dos atributos necessários para o desempenho qualitativo.

O caráter do materialismo histórico dialético ocasiona os mais variados debates sobre a utilização do percurso metodológico. Associa-se a utilização dos elementos metodológicos como próprio do Positivismo, repudiando a utilização de dados quantitativos, a utilização das hipóteses e de algumas formas de analisar os dados.

Decerto, a utilização de algumas formas metodológicas são inviáveis na perspectiva do marxismo, porém, isso não indica a não utilização da metodologia, basta lembrar que o próprio Marx seguiu um percurso metodológico, partilhava de um pressuposto, o qual foi afirmado através dos dados qualitativos e quantitativos em sua pesquisa.

A compressão metodológica perpassa a escolha do método. O método diz o caminho que deve ser traçado, levando as escolhas que serão realizadas para se chegar ao objeto. Quanto ao método de análise, diante da direção metodológica do Serviço Social, 72, 72 % das Dissertações afirmam utilizar o método em Marx e 27,27% não especificam a escolha do método, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 01: *Incidência do Método utilizado nas Dissertações, Brasil, 2015.*



Fonte: Elaboração Própria, 2018.

É importante destacar que a afirmativa da utilização do método não indica o cumprimento, nem a fidelidade, a utilização de modo a aproxima-se do real. Retornamos para a discussão do ecletismo ou pluralismo metodológico. Dizer que se utiliza do método em Marx exige um rigor metodológico, que recusa a baralhada de métodos.

A escolha do método a partir da perspectiva marxista requer a utilização de categorias centrais, a Totalidade, a Mediação e a Contradição. Demanda uma análise que compreenda a totalidade para se chegar às múltiplas frações do objeto de estudo.

O caminho metodológico deixado por Marx revolucionou a sua época. Os seus estudos, materializados, especificamente, na sua principal obra “O Capital”, apresenta uma visão sobre a sociedade inédita e opositora ao que já havia sido escrito. Marx parte do trabalho, enquanto categoria central, para explicar a contradição que se funda com a sociedade capitalista. Para isso, ele buscou a compreensão da produção material, na qual os sujeitos sociais são os únicos produtores, “Toda e qualquer produção é apropriação da natureza pelo indivíduo, no quadro e por intermédio de uma forma de sociedade determinada”. (MARX, 2016, p. 231).

A compreensão do objeto é realizada como processo, em constante mudança. O caráter histórico permite o entendimento desse processo como questionável pelo homem,

que não realiza a modificação do objeto e a sua por meio de um plano conceitual, cognitivo, mas por meio do concreto, da realidade dada, ultrapassando a aparência, aproximando-se da essência.

Emblematicamente, Marx não discutiu sobre seu método em nenhum dos seus escritos, mas a lógica em que construiu a tese sobre a sociedade capitalista, constitui-se como ponto de partida para o desvelamento da realidade até os dias de hoje.

Nas teses escritas a Feuerbach, Marx (1999, p. 03) argumenta:

O defeito fundamental de todo materialismo anterior – inclusive o de Feuerbach – está em que só concebe o objeto, a realidade, o ato sensorial, sob a forma do objeto ou da percepção, mas não como atividade sensorial humana, como prática, não de modo subjetivo.

O objeto é extraído do concreto, elevado ao abstrato, devolvido na forma de concreto pensado, envolvendo a práxis humana. O método em Marx não exige apenas a compreensão do objeto, mas a sua transformação, dentro do exercício da atividade humana, que é a capacidade de desvelar a realidade e transformá-la.

Após a morte de Marx, seu legado foi seguido por diversos intelectuais que não refutaram a sua análise, mas contribuíram com as formulações sobre as relações sociais capitalistas, dando seguimento ao entendimento dos novos elementos que foram postos ao longo da história e do desenvolvimento da sociedade burguesa.

O seguimento dado ao legado marxiano, nomeada como corrente filosófica marxista, pode justificar a utilização das mais variadas nomenclaturas para fazer jus a utilização do materialismo histórico dialético. Nessa pesquisa foram encontrados 07 tipos de nomenclatura que leva a crer a utilização do método em Marx.

Apesar de ser utilizando como sinônimos para explicar a escolha metodológica em Marx, a forma conceitual guarda alguns detalhes que são imprescindíveis para análise.

Para melhor apreensão, segue quadro abaixo:

QUADRO 1: Nomenclatura da utilização do Método em Marx nas Dissertações, Brasil, 2015.

❖ **Materialismo Histórico Dialético.**

❖ **Método Crítico Dialético.**

❖ **Método Marxista.**

❖ **Teoria Social de Marx**

❖ **Teoria Social Crítica, marxista.**

❖ **Teoria Marxista.**

❖ **Perspectiva Dialética**

Fonte: Elaboração Própria, 2018.

É importante salientar que a dialética antecede às elaborações teóricas elaboradas por Marx, foi utilizada como método do diálogo na Grécia Antiga. Marx se apropria da dialética Hegeliana e se contrapõe, reorientando a dialética, colocando-a de “cabeça para baixo”. Dessa forma, a utilização do método como “Perspectiva Dialética” dá margem para as elaborações metodológicas de Aristóteles, Hegel e todos aqueles teóricos que partilham do método dialético, sem a análise do material e da história. Como afirma o próprio Marx (1983, p. 27):

[...] meu método dialético não só se diferencia do hegeliano, mas também é seu oposto direto (direktes Gegenteil). Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de ideia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.

Do mesmo modo, é a utilização dos termos “Método Crítico Dialético” e “Teoria Social Crítica Marxista”. Crítico pode ser qualquer método que se contraponha a uma verdade dada. A criticidade não pertence, exclusivamente, ao método em Marx, há vertentes do pensamento pós-moderno, por exemplo, que realizam a crítica ao sistema capitalista, “os pós-modernos de contestação”, mas nem por isso coagulam com o método em Marx. Além disso, mesmo a teoria pertencendo, indissociavelmente ao método, ela não é o método em si. A teoria é o composto das elaborações, que no materialismo histórico dialético é o conjunto das obras marxiana e marxista, o método é a lógica, a forma de apreensão da realidade a partir de categorias centrais. É a própria forma de exposição e os instrumentos utilizados no decorrer do caminho.

O materialismo histórico dialético seria, então, a utilização mais fiel do método em Marx, pois envolvem elementos fundamentais expressos na lógica metodológica deixada nas concepções marxianas. São elementos que se pertencem um ao outro, apresentando o rompimento da análise do real pelo mundo das ideias, para o mundo material, histórico e dialético.

A apropriação do método em Marx pelo Serviço Social ocorrida no processo de “intenção de ruptura”, como já descrito no primeiro capítulo, se deu de forma enviesada, o que justifica as atuais problemáticas envolvendo a utilização do método pela profissão.

Os esclarecimentos de algumas particularidades na nomenclatura do método utilizado pela categoria dos assistentes sociais podem parecer desnecessários, mas levanta questionamentos essenciais, que não serão respondidos por essa pesquisa, mas que são importantes de serem realizados, uma vez que indicam ou podem indicar os caminhos ou descaminhos realizados pela profissão. Esses questionamentos envolvem a seguinte

indagação: a afirmação pela utilização do método em Marx seria uma escolha ancorada na interpretação da sua capacidade interpretativa da realidade? Ou estaria ligada a pura e simples vinculação dos organismos representativos dessa categoria ao marxismo? Os assistentes sociais que estão distantes do ciclo acadêmico conseguem compreender o método e realizar a sua materialização por meio da práxis? Qual é a compreensão dos assistentes sociais sobre o materialismo histórico dialético?

Esses questionamentos levantam um ponto crucial para a pesquisa: a pós-graduação seria um local privilegiado de acesso aos profissionais do Serviço Social e por isso se apresentaria fiel ao direcionamento político, teórico e metodológico da profissão, fazendo jus a utilização do método em Marx? Se essa é uma afirmação verdadeira, podemos julgar que os rescaldos do avanço conservador da profissão ultrapassaram a dimensão prático-operativa, chegando a dimensão teórico metodológica, pelo número de Dissertações que não identificou a escolha metodológica ou o fez de modo enviesada?

Certamente, a pós-graduação é um espaço privilegiado, para a produção do conhecimento do Serviço Social brasileiro, não só para o Serviço Social, mas para as demais profissões como um todo. O que não é aceitável é a separação das dimensões que compõem o Serviço Social. Para seguir a orientação do método, a dimensão teórico-metodológica reflete a materialização prático-operativa, que sem dúvida, pelo atual contexto capitalista, vem sofrendo inflexões que coloca o projeto profissional à prova.

A incidência da recusa ao método em Marx no Serviço Social está presente nas correntes filosóficas que convivem no interior da profissão e que ganham mais forças nos períodos de acessão da dominação burguesa. Além das próprias Dissertações que não fizeram referência a nenhum método, é preciso ter atenção para aquelas que afirmaram a sua utilização, mas não seguiram a lógica do materialismo histórico dialético, caindo no ecletismo metodológico, o que pode ser justificado pela interpretação de que o método em Marx não daria mais conta de compreender a realidade e/ou seria insuficiente ou pelo simples desconhecimento do método, que tende a se ampliar diante do sucateamento do Ensino Superior e a expansão das Universidades privadas, na modalidade à distância.

Considerações

A direção social e estratégica demandada pela categoria profissional no processo de renovação não isentou-a das reflexões impostas pelo aprofundamento do capitalismo, diante da reorganização lucrativa pós-crise de 1970. Mas, não há dúvidas que o fortalecimento metodológico, fundamentado na tradição marxista, possibilitou ao Serviço Social resistir na garantia de um fazer profissional alinhado aos preceitos democráticos, na defesa da liberdade como um valor central.

Nesse sentido, a questão metodológica constitui a espinha dorsal que interligam as demais dimensões do Serviço Social: prático-operativo e ético-político. Subsidiária a compreensão de mundo e interventiva da profissão, permitindo o entendimento sobre o atual movimento do capitalismo e as particularidades do cenário brasileiro. Por isso, é preciso atentar para fatores que incidem na direção metodológica da profissão.

Um desses fatores trata-se do próprio movimento do capitalismo contemporâneo. A atual crise política, provocada pela ofensiva capitalista, proporcionando a fragmentação da esquerda, o que enfraquece o pensamento marxiano/marxista em um contexto global.

Esse enfraquecimento a nível global, ao chegar ao Serviço Social, depara-se com os estratos conservadores presentes no interior da profissão, realimentado por tendências pós-modernas.

Podemos inferir que os 27% que não utilizaram e/ou não citaram a utilização do método, estejam sofrendo as inflexões desse cenário que chega ao Serviço Social, seja por optar por outros caminhos metodológicos, não dialogando com o projeto pesado e constituído juridicamente pelo coletivo dos/as assistentes sociais, ou até mesmo pela fragilidade na formação profissional e na realização da prática, desconhecendo o método.

Não menos importante, citamos a relação discrepante entre a produção do conhecimento alinhado ao materialismo histórico dialético com a lógica produtivista barganhada com os organismos de fomento do povo brasileiro. É um desafio realizar uma pesquisa ancorada em um método que exige a compreensão da totalidade em uma lógica que preza pela fragmentação do objeto de estudo, de modo que o tempo estipulado pelos organismos do “conhecimento”, sejam atendidos, sem prorrogação dos prazos, sem reconhecimento do/a pesquisador/a.

A lógica produtivista também é presente na realidade da prática profissional, impedindo, por vezes, dos/as profissionais construir elementos reflexivos por meio da realidade, que não se apresenta por ela mesma.

Assim, cabe ao Serviço Social traçar estratégias que possam fortalecer o caráter metodológico no interior da profissão, além da necessidade de barganhar, junto a classe trabalhadora, pela construção de conhecimento que desvele a realidade e contribua com processos emancipatórios. Para isso, não havendo respostas dadas, é preciso construir espaços de diálogo e reflexão, dentro e fora do Serviço Social, garantir uma formação acadêmica crítica, referendada por uma Educação Pública e de qualidade, além de firmar disputas nas arenas políticas existentes nos espaços sócio-ocupacionais.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, C. N. Pluralismo: dimensões teóricas e políticas. In: Ensino em Serviço Social: pluralismo e formação profissional. **Cadernos ABESS**, 04, Cortez: São Paulo, 1991.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução Maria Helena Barreiro Alves. 5º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Teses sobre Feuerbach**. Versão Digital, 1999. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/feuerbach.pdf>. Acesso em: 08 de Março de 2018.

_____. Posfácio à segunda edição. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NETTO, J.P. **Ditadura e Serviço Social**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 13º ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

SPOSATI, A. Pesquisa e Produção de Conhecimento no campo do Serviço Social. **In: Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, nº esp. p. 15-25, 2007.

TONET, I. Pluralismo metodológico: um falso caminho. In: **Democracia ou Liberdade?** Maceió: Edefal, 2007.